

## GENTE NOVA NO PEDAÇO

Pesquisadores do ICB descreveram três novas espécies de tamanduá, tipo raro de tamanduá que mede cerca de 50 centímetros. As descobertas, feitas ao longo de dez anos, também serviram para elevar três subespécies à categoria de espécie. A pesquisa incluiu análise de DNA, estudos morfológicos e testes de delimitação de espécies feitos no computador. Achados como esse, segundo os pesquisadores, aumentam as chances de proteção dos animais.

Página 5

Exemplar de tamanduá: novas espécies foram encontradas em Rondônia, no Rio Xingu e na margem direita do Amazonas

Novas tecnologias dão suporte a pesquisas sobre a fala

Página 3

# O novo surto **ANTICOMUNISTA** e a **DEMOCRACIA** em risco

Rodrigo Patto Sá Motta\*

No Brasil, existe uma forte tradição anticomunista desde os anos 1930. Discursos antissocialistas e antianarquistas circulavam já no século 19, porém, no século seguinte, dois eventos iriam conferir bases mais profundas ao fenômeno, gerando enorme impacto: a Revolução de 1917, na Rússia, que deu origem ao experimento bolchevique, e a insurreição revolucionária de 1935, no Brasil. O movimento foi alcunhado pejorativamente de “Intentona”, para dar-lhe marca mais negativa (significa intento louco), e forneceu boa parte do arsenal propagandístico usado nos anos posteriores. A “Intentona” deu origem não somente à construção de um imaginário, mas ao estabelecimento de uma celebração anticomunista ritualizada e sistemática, com monumentos e paradas cívicas. A violência do episódio e os objetivos dos revolucionários foram exagerados e caricaturados, para aumentar o impacto da propaganda e insuflar o medo.

Assim, a partir dos anos 1930, o anticomunismo tornou-se tema perene no cenário brasileiro e, em certas ocasiões, inspirou mobilizações direitistas de graves consequências. O combate ao perigo vermelho serviu de justificativa para os golpes de 1937 e 1964 e para as ditaduras subsequentes. Nos documentos fundadores de ambos os regimes ditatoriais – a Constituição de 1937 e o Ato Institucional de 1964 –, o tema aparece em destaque. No preâmbulo da Carta de 1937, está escrito que a extensão da infiltração comunista no Brasil exigia remédio radical, ou seja, a ditadura, enquanto o AI prometia drenar o “bolsão bolchevista” e “destituir o governo que se dispunha a bolchevizar o país”. Foram muitas décadas de intensa campanha anticomunista, com destaque para representações negativas sobre a União Soviética e demais países socialistas, apresentados como o inferno na terra, e fortes cargas também sobre figuras nacionais, como Luiz Carlos Prestes.

Recentemente, essa tradição foi reapropriada na luta contra os governos petistas e adaptada aos novos tempos, com alguns atores da direita falando em “comunopetismo” para conectar o partido de Lula às imagens negativas tradicionais sobre o comunismo histórico. Como em ocasiões anteriores, no atual surto anticomunista, os atores são movidos tanto por convicção quanto por oportunismo. No último caso, trata-se da indústria do anticomunismo, ou seja, a estratégia de exagerar a força da esquerda para explorar o medo, visando a ganhos políticos e/ou pecuniários. Voltamos a ter uma indústria do anticomunismo muito atuante, com blogueiros e gurus da direita que ganham a vida explorando a repulsa ao vermelho. Outra forma de manipulação oportunista do fenômeno, e também atual, é chamar de comunista qualquer projeto de mudança social, para criar sensação de grave ameaça e mobilizar mais gente para o campo conservador.

O conservadorismo tem como base o medo às mudanças e a defesa da ordem tradicional. Isso tem relação com interesses materiais, obviamente, pelo temor de perder posições sociais e patrimônio ou, até mesmo, o status social. No entanto, um dos pontos essenciais é o medo de mudanças nos valores e nos comportamentos. Trata-se da defesa da família tradicional, por exemplo, com a recusa às opções sexuais não convencionais, sentimentos que geralmente estão lastreados em preceitos religiosos. Como a esquerda costuma abraçar propostas progressistas também em termos de valores e comportamentos, frequentemente ela atrai o ódio conservador pelo prisma da defesa da moralidade. Há 100 anos, o fato de a URSS ter legalizado o divórcio e o aborto mobilizou reações iradas. O tema contemporâneo é a diversidade sexual, que muitos conservadores conectam com o perigo vermelho, como se pode ver nos cartazes utilizados em protestos contra algumas exposições de arte.

De certo modo, é paradoxal que o PT seja alvo de discursos anticomunistas, já que o partido surgiu como adversário dos PC e com eles disputou a hegemonia sobre a opinião de esquerda. Como, de fato, tornou-se o novo partido hegemônico à esquerda, o PT passou a atrair os ataques dos grupos antiesquerdistas. A sua chegada ao poder aumentou a indisposição dos grupos de direita que têm pavor a qualquer política de viés social, sejam bolsas, quotas raciais, entre outros. E o tema religioso e moral exerce papel importante, pois grupos cristãos conservadores atribuem à esquerda toda a culpa pelas mudanças de comportamento entre os jovens. O problema é que a convergência entre antipetismo e anticomunismo implica enorme manipulação, pois o PT não é um partido comunista (embora possa ter alguns militantes com esse perfil) e sequer aplicou medidas socialistas, apenas algumas ações moderadas visando à distribuição de renda. Isso não é socialismo. A contratação de médicos cubanos e as boas relações com a esquerda latino-americana não tornam o PT um partido comunista. O uso do anticomunismo contra o PT é fenômeno que se explica pela mescla de conservadorismo, oportunismo e ignorância (sobre o significado de socialismo e comunismo).

Vivemos tempos de instabilidade e de risco. Nas ocasiões anteriores em que o anticomunismo se tornou força política relevante, sofremos golpes e fomos governados por ditaduras. Quem preza a democracia e a liberdade deveria estar alerta, para não permitir que a radicalização direitista e conservadora destrua o que sobrou das nossas instituições e dos nossos direitos coletivos e individuais.

\*Professor do Departamento de História da UFMG e autor do livro *Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil*

Esta página é reservada a manifestações da comunidade universitária, por meio de artigos ou cartas. Para ser publicado, o texto deverá versar sobre assunto que envolva a Universidade e a comunidade, mas de enfoque não particularizado. Deverá ter de 5.000 a 5.500 caracteres (com espaços) e indicar o nome completo do autor, telefone ou correio eletrônico de contato. A publicação de réplicas ou trélicas ficará a critério da redação. São de responsabilidade exclusiva de seus autores as opiniões expressas nos textos. Na falta destes, o BOLETIM encomenda textos ou reproduz artigos que possam estimular o debate sobre a universidade e a educação brasileira.

# LÍNGUA FALADA

Com apoio de novas tecnologias, laboratório da Fale desenvolve pesquisas sobre a fala em situações variadas

Itamar Rigueira Jr.

A fala varia conforme a ação ou o comportamento que a ela serve de contexto. Um professor que dá uma aula, um motorista que discute no trânsito, uma criança que brinca se expressam de modos diferentes. “Quando muda a ação, muda radicalmente a estrutura da fala. Não depende tanto se a pessoa é jovem ou idosa, mais ou menos culta, se vem do Norte ou do Sul do país”, afirma a professora Heliana Mello, coordenadora, com o professor Tommaso Raso, do Laboratório de Estudos Empíricos e Experimentais da Linguagem (Leel), vinculado à Faculdade de Letras da UFMG.

A equipe do laboratório estuda a fala espontânea em diferentes situações comunicativas, com falantes distintos e variadas formas de interação. De acordo com os coordenadores, a linguística sempre deu mais atenção à escrita e à fala selecionada (entrevistas, bate-papos, monólogos). Portanto, as conclusões eram tiradas de observações limitadas em termos de tipologias de comunicação. “A linguística de *corpus*, metodologia que usamos, é mais avançada para o estudo da escrita. No caso da fala, sofreu com limites tecnológicos e com a falta de consciência de que ela é diferente. A autonomia da fala como objeto de estudo é relativamente recente”, comenta Tommaso Raso.

O projeto em que está envolvida a equipe do Leel – cerca de 20 pesquisadores, entre professores, doutorandos, mestrandos e bolsistas de iniciação científica – foi iniciado em 2007, com coleta e tratamento de dados para a formação de *corpora*. Cinco anos depois foi publicado o primeiro livro, *C-Oral-Brasil I – Corpus de referência do português falado informal*. Em 2018, será lançado o segundo volume, destinado a tratar da fala que se observa na mídia, nas conversas ao telefone e em situações formais, em contexto natural (face a face).

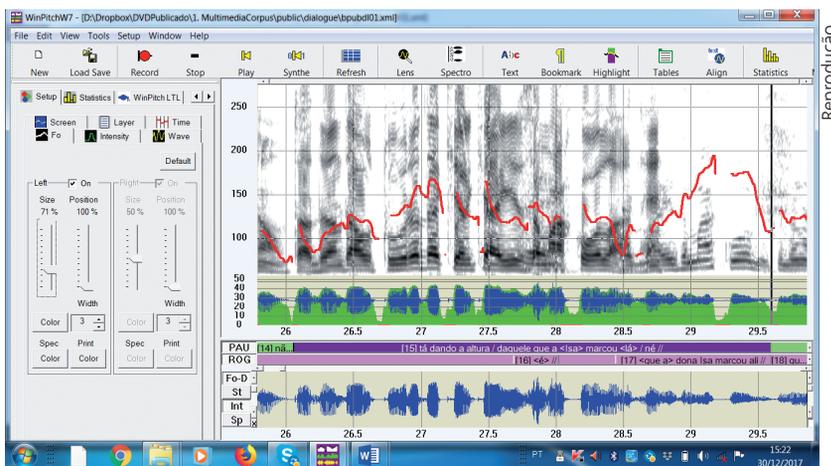
O estudo da fala revela numerosos aspectos, incluindo a presença do silêncio. A cultura brasileira é marcada por pouco silêncio, diferentemente do que ocorre nos países nórdicos. O silêncio é menos tolerado nas conversas telefônicas, por exemplo, que numa partida de futebol. Em situações como essa, a comunicação pode ser mantida por meio de ações não verbais, e o silêncio é mais tolerado.

## Precisão

De acordo com Tommaso Raso, é crucial para as pesquisas do grupo manter alto nível de precisão metodológica: “Atingimos elevado grau de confiabilidade, que se deve em grande medida à metodologia de coleta e tratamento. Lidamos com grandes conjuntos de dados processáveis computacionalmente e submetidos a técnicas estatísticas.”

Novas tecnologias possibilitaram evolução significativa dos procedimentos, segundo os pesquisadores. Hoje, é possível alinhar som e texto, para ouvir e ler o material ao mesmo tempo. As gravações são de altíssima fidelidade, e microfones de lapela e transmissão de sinais via rádio conferem naturalidade e mobilidade ao registro de situações cotidianas.

Os pesquisadores têm à sua disposição softwares – como o WinPitch e o Praat – que fazem análise superfina dos aspectos acústicos, tanto segmentais (segmentos são os sons que compõem as palavras) quanto prosódicos (prosódia é tudo que é relacionado à melodia, ao



Tela do software WinPitch mostra o comportamento da fala em espectrograma

tempo e à intensidade com as quais os segmentos são realizados). “Ninguém tem mais dúvida de que a prosódia é fundamental para a linguagem. Você pode dizer ‘João’ para chamar alguém, para fazer uma pergunta, para mostrar surpresa, entre muitas alternativas. A aacionalidade da fala é elemento crucial”, diz Heliana Mello.

Os coordenadores do Leel enfatizam que a construção de um *corpus* de fala é um processo longo e custoso, que exige uma equipe grande e bem treinada. O empreendimento inclui planejamento, gravação, transcrição (10 minutos de fala resultam, em média, em 60 minutos de trabalho), segmentação, revisão. Cada áudio é transcrito e revisado pelo menos quatro vezes. E o trabalho só é considerado concluído quando se atinge menos de 5% de erros. Vale ressaltar que um profissional não pode trabalhar por muito tempo sem interrupção, ou perde a capacidade de manter a atenção necessária. “Segmentar é agrupar em unidades entonacionais, o que requer treinamento, pois na fala esse processo é inconsciente”, explica Heliana Mello.

## Material inédito

O Laboratório de Estudos Empíricos e Experimentais da Linguagem fornece material inédito para pesquisas e documentação da fala. “São textos analisados sempre em interface com a prosódia, em perspectiva aacional”, salienta Tommaso.

Os resultados obtidos pelos pesquisadores do Leel têm servido para projeto da USP, que produz *corpora* do português de Angola e do quimbundo (língua nativa do mesmo país). O grupo da UFMG também vai participar da produção de *corpus* da fala de esquizofrênicos, na comparação com pessoas saudáveis, como forma de apoio a diagnósticos.

Os coordenadores lembram ainda que os *corpora* são insumos importantes para o desenvolvimento de tecnologias de reconhecimento automático e produção de fala por máquinas, como robôs. Atualmente, o Leel colabora com grupo da Unicamp na concepção de software sofisticado com essa finalidade.

“Também estamos desenvolvendo uma plataforma de buscas que propiciará a pesquisadores do mundo inteiro a utilização gratuita de nossos *corpora*, com possibilidade de download de áudios”, anuncia Tommaso Raso.

# O INIMIGO é de CASA

Amparado em dados de inquérito produzidos por serviços de urgência e emergência, estudo da Escola de Enfermagem revela que negligência e violência contra crianças ocorrem sobretudo no ambiente doméstico

Ana Rita Araújo

**É** em casa que ocorrem mais da metade dos casos de violência e negligência contra crianças, revela artigo produzido pela professora Deborah Carvalho Malta, da Escola de Enfermagem, em parceria com pesquisadores da UFMG e de outras instituições brasileiras. “A residência, que deveria ser *locus* de proteção e de cuidado, torna-se o local de agressão e de vitimização da infância”, enfatiza a autora. Ela utilizou dados do inquérito Vigilância de Violências e Acidentes (Viva) que focalizam dois públicos muito vulneráveis: infância e adolescência.

A análise gerou dois artigos, publicados na Revista de Saúde Coletiva. A pesquisadora trabalhou com dados obtidos em 2014, do inquérito Viva, coletados nas entradas dos serviços de urgência e emergência dos hospitais de referência de todas as capitais brasileiras. Em Belo Horizonte, a amostra incluiu os hospitais João XXIII e Odilon Behrens.

O inquérito é aplicado a cada três anos, em todas as capitais brasileiras, sob a coordenação do Ministério da Saúde, em parceria com as secretarias estaduais e municipais de saúde, com o objetivo de avaliar os atendimentos por causas externas em vítimas de acidentes e violência no Sistema Único de Saúde (SUS). Os dados referentes a 2017 ainda não estão disponíveis.

Deborah Malta destaca que a base é muito rica e possibilita amplo diagnóstico da situação de saúde: oferece dados sobre as vítimas e agressores e possibilita captar não só os casos de maior gravidade, como os que exigem internação e equivalem a cerca de 10% do total, ou os que resultam em mortalidade. “Também ficam registrados os casos de média e leve gravidade que, de

outra forma, não se tornariam conhecidos”, explica a professora.

Segundo ela, o estudo destaca que as violências encontram-se nas mais importantes instituições socializadoras – a família, a escola, o bairro, “o que indica a necessidade de mobilizar toda a sociedade na perspectiva do seu enfrentamento”.

## Ambientes hostis

Meninos sofrem mais acidentes e violência do que meninas, conforme se afirma no artigo. Crianças de zero a cinco anos são as maiores vítimas de negligência, como lesões, fome, desnutrição, desidratação, doenças e acidentes domésticos. O domicílio é o local com mais ocorrência de violências – cerca de 60% dos casos registrados. “Isso choca, porque é onde se espera que as crianças tenham mais proteção”, enfatiza a professora.

A análise mostrou que, entre meninos de 6 a 9 anos, é mais frequente a agressão física por parte dos pais, mas também na escola, ambiente em que violência física, agressão e ameaça são mais constantes entre meninos de 10 a 14 anos.

No grupo de 815 adolescentes, a pesquisa constatou que homens são as vítimas mais numerosas de violência, o que confirma os dados da literatura. Segundo a professora, o número de acidentes e ocorrências violentas chega a ser nove vezes maior em homens do que em mulheres, na idade de 15 a 24 anos. A via pública é o ambiente onde ocorrem com maior frequência.

“É uma questão cultural, pois eles têm maior exposição”, comenta Deborah Malta, lembrando que o estereótipo do gênero já

é dado nos primeiros meses de vida: “aos meninos são oferecidos brinquedos como bolas, que estimulam a ir para a rua, e armas, e meninas são presenteadas com bonecas”. Entre elas, a ocorrência de violência ocorre sobretudo no domicílio, sendo os pais também agressores. A violência sexual é mais frequente nas meninas de 15 a 19 anos, e não somente pelos pais.

## Notificação

Deborah Malta considera o inquérito uma fonte importante para nortear políticas públicas e estimular as famílias a ficar mais atentas a sinais de violência que às vezes passam despercebidos. “A violência ocorre muito frequentemente nos lares, e, muitas vezes, os pais são os autores. É necessário estimular políticas de proteção”, defende.

A professora comenta que portaria do Ministério da Saúde, de 2011, que inclui a violência doméstica na lista dos agravos de notificação compulsória, tem contribuído para formar uma rede de proteção a essas vítimas da violência. “Até criamos aqui na Enfermagem uma disciplina, Violência em Saúde, com o intuito de capacitar os profissionais a fazer esse registro”, conta. Em sua opinião, com a qualificação dos profissionais, é esperado um crescimento de notificações, porque estão sendo implementados a vigilância e o monitoramento de casos.

Para a pesquisadora, “as violências contra adolescentes são um grave problema de saúde pública, e o Viva torna-se um instrumento vital, por dar visibilidade ao tema”. Já as violências sofridas na infância, “mesmo sem lesões físicas aparentes, são acompanhadas de sofrimentos psíquicos e resultam em traumas profundos para toda a vida. Além disso, a violência doméstica aumenta o risco de as crianças nela envolvidas tornarem-se vítimas de homicídios”.

### Artigos:

*Fatores associados a violências contra crianças em Serviços Sentinela de Urgência nas capitais brasileiras*

<http://bit.ly/2Bk8WKX>

*Violências contra adolescentes nas capitais brasileiras, segundo inquérito em serviços de urgência*

<http://bit.ly/2nYrzfk>



Crianças de zero a cinco anos são as maiores vítimas de negligência no ambiente familiar

# A família **AUMENTOU**

Pesquisadores da UFMG identificam novas espécies de tipo raro de tamanduá

Luana Macieira

Uma equipe de pesquisadores da UFMG descreveu, em artigo publicado recentemente, três novas espécies de tamanduá, tipo raro de tamanduá, com cerca de 50 centímetros que vive em cima de árvores nas regiões da Mata Atlântica e da Amazônia brasileira. A pesquisa – cujos resultados constam do artigo *Taxonomic review of the genus Cyclopes Gray, 1821 (Xenarthra, Pilosa), with the revalidation and description of new species*, publicado no *Zoological Journal of the Linnean Society* – também eleva à categoria de espécie três subespécies de tamanduá.

A descoberta é fruto da pesquisa de doutorado da veterinária Flávia Miranda, que foi orientada pelo professor Fabrício Santos, do Departamento de Zoologia do Instituto de Ciências Biológicas da UFMG (ICB). A investigação teve início em 2007, no âmbito da ONG Projeto Tamanduá, que conta com a participação de Flávia em atividades de conservação animal. As descobertas foram feitas ao longo desses 10 anos, em 19 expedições à procura de amostras de sangue do *Cyclopes didactylus*, única espécie até então conhecida de tamanduá, no norte da Amazônia, entre as Guianas e o Maranhão, e na região da Mata Atlântica, no Nordeste do Brasil.

“Queríamos saber se as espécies encontradas na Amazônia eram as mesmas que habitavam a região da Mata Atlântica, mas encontramos três espécies até então desconhecidas. Além disso, por meio de análises, conseguimos reclassificar alguns animais, elevando outras três subespécies à categoria de espécie”, explica Flávia.

A pesquisa foi realizada em várias etapas. Amostras de sangue dos animais foram submetidas à análise de DNA no Laboratório de Genética do ICB. Foi desenvolvido também extenso estudo morfológico, que buscava observar características físicas dos animais.

“Comparamos cerca de 300 animais guardados em coleções de diversos museus espalhados pelo mundo. Observamos a coloração do dorso, membros anteriores e posteriores, a coloração da cauda e o tamanho e formato do crânio. Encontramos cerca de 10 características morfológicas que, aliadas às características genéticas verificadas em laboratório, possibilitaram a descrição das novas espécies”, afirma Flávia Miranda.

Doutorando em Zoologia do ICB e um dos autores do artigo, Daniel Casali acrescenta que também foram realizados testes de delimitação de espécies, feitos no computador. “Usamos uma série de programas comuns na área da taxonomia, que avaliavam os possíveis limites entre as espécies. O estudo foi muito bem recebido na área por se tratar de uma pesquisa integrada, que usou elementos da morfologia, da zoologia e da genética, entre outros campos. Todas essas frentes de estudo nos forneceram elementos que levaram às novas descobertas sobre o tamanduá.”

## Mais proteção

As três espécies descritas são a *Cyclopes xinguensis*, encontrada próximo à região do Rio Xingu, na Amazônia, a *Cyclopes rufus*, presente na região de Rondônia e nomeada assim devido à sua cor avermelhada, e a *Cyclopes thomasi*, que vive na margem direita do Rio Amazonas, entre o estado do Acre e o Peru. O nome desta última espécie homenageia Michael Rogers Oldfield Thomas, famoso zoólogo britânico.



Arquivo da pesquisa

O tamanduá vive em árvores da Mata Atlântica e da Amazônia brasileira

As três subespécies elevadas à categoria de espécie são a *Cyclopes ida*, cuja presença está restrita ao norte do Rio Amazonas e à margem direita do Rio Negro, a *Cyclopes dorsalis*, que habita florestas da América Central, do México, da Colômbia e do Equador, e a *Cyclopes catellus*, restrita ao sopé dos Andes, na Bolívia.

Para Daniel Casali, a pesquisa propicia maior conhecimento da biodiversidade brasileira, considerada uma das mais ricas do mundo. “Tememos que a biodiversidade seja perdida antes de ser conhecida. Alguns animais, para serem incluídos em programas de conservação, precisam ser conhecidos e elevados à categoria de espécie. Trabalhos como o nosso possibilitam que mais animais sejam protegidos”, diz.

Flávia Miranda acrescenta que os esforços de conservação beneficiavam a única espécie de tamanduá então conhecida, a *Cyclopes didactylus*. Agora, a proteção poderá se estender aos novos animais descritos. “Já conversamos com o governo brasileiro e com as organizações internacionais de conservação da natureza, pleiteando que seja iniciado um processo de pesquisa que nos mostre o status de ameaça a essas novas espécies. Precisamos investigar a distribuição geográfica desses tamanduás, coletar mais material para análise e elaborar estratégias de conservação para aqueles que estejam ameaçados”, conclui.

## Os tamanduás brasileiros

Até o início da pesquisa, eram reconhecidas apenas três espécies de tamanduás no Brasil: bandeira, mirim e tamanduá. Todos os tamanduás pertencem ao grupo dos Xenarthra, que inclui outros mamíferos como os tatus e o bicho-preguiça. O tamanduá é um mamífero pequeno, de hábitos noturnos, que vive nas copas das árvores e se alimenta de formigas. Com a conclusão do estudo realizado pelo grupo de pesquisadores brasileiros, agora estão descritas sete espécies de tamanduás. Por enquanto, as novas espécies receberam apenas nomes científicos.

**Artigo:** *Taxonomic review of the genus Cyclopes Gray, 1821 (Xenarthra, Pilosa), with the revalidation and description of new species*, publicado no *Zoological Journal of the Linnean Society*, em dezembro de 2017, e disponível em <http://bit.ly/2BMaizf>

**Autores:** Flávia Miranda, Daniel Casali, Fernando Perini, Fábio Machado e Fabrício Santos

# LOCALIZADO e CONTÍNUO

*Implante desenvolvido na Faculdade de Farmácia para liberação de medicamentos no olho aprimora tratamento de doenças que podem causar cegueira*

Luana Macieira

**D**oenças que atingem a parte exterior do olho são normalmente tratadas com colírios ou pomadas. O mesmo não ocorre com problemas que acometem o segmento posterior, nas regiões onde se encontram o vítreo, a retina e a coróide. Nesses casos, os colírios e pomadas não são capazes de alcançar o local que precisa receber o medicamento.

Em busca de novas formas de tratamento para doenças oculares da região posterior, um grupo de pesquisadores da Faculdade de Farmácia da UFMG desenvolveu um implante intravítreo para a aplicação localizada e contínua de medicamentos intraoculares. O estudo teve início em 2003, graças a um marco oftalmológico que ocorreu também naquele ano.

“Na época, teve início o uso de medicamentos injetáveis dentro dos olhos, ou seja, agulhas passaram a ser utilizadas: penetrando nos olhos, elas alcançavam a parte posterior do órgão. O problema é que esse tipo de tratamento é doloroso e aflitivo para o paciente, causando muito desconforto. Então, era necessário criar um método mais eficaz e tranquilo”, explica Armando da Silva Cunha, professor do Departamento de Produtos Farmacêuticos da Faculdade de Farmácia.

O grupo liderado pelo professor começou a pesquisar métodos de liberação de medicamento intraocular e chegou ao implante polimérico que libera, continuamente, o medicamento contido em seu interior. “Trata-se de um material biodegradável que, depois de liberar toda a substância, será absorvido pelo organismo. O implante, com apenas 0,43mm de diâmetro e entre 4 e 6mm de comprimento, é introduzido no olho por meio de um sistema de cânulas. A recuperação do paciente também é muito rápida”, explica o professor.

A aplicação do dispositivo, que ocorre diretamente no corpo vítreo do olho depois da aplicação de anestesia local, leva cerca de cinco minutos. Segundo Cunha, a grande vantagem do tratamento é que,

diferentemente da injeção, que precisa ser aplicada várias vezes em um intervalo de poucas semanas, o implante é colocado dentro do olho uma única vez. “Outro avanço desse estudo reside no fato de ele utilizar uma cânula cirúrgica, instrumental que já é de praxe na oftalmologia. A aplicação única também dá ao médico controle maior do tratamento.”

O estudo é realizado atualmente por meio de parceria da UFMG com a Diretoria de Pesquisa e Desenvolvimento da Fundação Ezequiel Dias e a Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FMRP-USP). No entanto, a pesquisa começou com uma tese de doutorado que propunha a criação do implante intraocular, defendida na Faculdade de Farmácia em 2006. Sete teses já foram desenvolvidas sobre o assunto e há outras oito em andamento, todas propondo implantes oculares de fármacos. O primeiro implante testado pelo grupo continha o anti-inflamatório dexametasona.

“Fizemos todos os estudos de toxicidade e segurança, além de um estudo clínico com 10 pacientes, realizado no Hospital das Clínicas da USP, em Ribeirão Preto. Agora, entre outros fármacos, também estamos desenvolvendo sistemas para tratar a toxoplasmose ocular, com o fármaco clindamicina”, afirma Cunha.

## Evitar a cegueira

Armando Cunha explica por que o implante ocular é um tratamento importante para doenças oculares graves. “As doenças do segmento posterior do olho são problemas sociais, porque atingem muitas pessoas. Os tratamentos atuais, fabricados por multinacionais, são caríssimos e acessíveis a poucas pessoas. Doenças da retina podem causar cegueira ou perda considerável da visão e acometem principalmente os idosos. Por isso, precisamos de métodos baratos e eficientes para tratá-los.”



Foca Lisboa/UFMG

Cunha: material biodegradável absorvido pelo organismo

O método desenvolvido pelo grupo pode ser usado para tratar doenças como a degeneração macular relacionada à idade, a uveíte e a toxoplasmose ocular, em que tratamentos tópicos não trazem bons resultados. “Quando se tentava tratar por injeção ou comprimido, a dose do medicamento era tão elevada que o paciente acabava interrompendo o tratamento devido a efeitos adversos, pois o medicamento afetava outros órgãos”, explica Armando Cunha. Além disso, o método proposto pode ser adaptado para outras partes do corpo. “Já estamos trabalhando no desenvolvimento de implantes para aplicação nos seios paranasais, para tratar rinossinusite crônica, o que nos mostra que a pesquisa renderá outros frutos”, conclui Armando Cunha.

[Matéria publicada no Portal UFMG, em 9/1/2018]

## DIPLOMAS ESTRANGEIROS

Até 16 de abril, será possível fazer inscrições para o processo de reconhecimento de diplomas de pós-graduação *stricto sensu* emitidos por estabelecimentos estrangeiros de ensino superior. O processo pode incluir diplomados por instituições legalmente constituídas para a outorga de diplomas de mestrado ou doutorado, desde que as condições estabelecidas no edital sejam cumpridas.

Os requerentes deverão acessar o Sistema Nacional de Revalidação e Reconhecimento de Diplomas pela Plataforma Carolina Bori (<http://carolinabori.mec.gov.br/>), atentando para a existência, na UFMG, de curso de mesmo nível ou área equivalente ao diploma que pretende reconhecer – informação que pode ser consultada em <https://www.ufmg.br/prpg/doutoradomestrado/>.

Outras informações podem ser obtidas no setor de reconhecimento de diplomas da Pró-reitoria de Pós-graduação pelo telefone (31) 3409-4044 ou pelo e-mail [info@prpg.ufmg.br](mailto:info@prpg.ufmg.br).

## EXTENSÃO E TECNOLOGIAS

Nos dias 6 e 7 de março, as práticas extensionistas associadas à EaD ou que utilizam recursos da modalidade serão discutidas na segunda edição do Colóquio Nacional de Extensão na Educação a Distância (Conexed), que será sediado na Escola de Belas Artes, campus Pampulha.

As inscrições deverão ser feitas até 28 de fevereiro, na página da Fundep (<http://bit.ly/2HOSBLB>). Mais informações podem ser solicitadas pelo e-mail [extensao@caed.ufmg.br](mailto:extensao@caed.ufmg.br) e pelo telefone (31) 3409-3914.

De 21 a 23, os novos recursos para a EaD serão discutidos no simpósio Tecnologias e Educação a Distância no Ensino Superior, promovido pela UFMG em parceria com a Ufop e a Uemg. O evento, que será realizado na Faculdade de Educação, vai problematizar o uso de tecnologias digitais como ferramentas pedagógicas no processo de ensino e aprendizagem na educação presencial e a distância, em cursos de graduação e pós-graduação. As inscrições de ouvintes terminam em 10 de março. Informações podem ser solicitadas pelo e-mail [submissoes.simpósio@gmail.com](mailto:submissoes.simpósio@gmail.com).

## LETRA A

A divisão em ciclos na educação básica e a consolidação do processo de alfabetização são abordadas na reportagem principal da nova edição do jornal Letra A, publicação do Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (Ceale), da Faculdade de Educação da UFMG. O jornal é destinado a alfabetizadores, gestores da educação e outros profissionais envolvidos com o ensino da leitura e da escrita nas escolas públicas brasileiras.

A edição também apresenta entrevista com Maria da Graça Costa Val, pesquisadora do Ceale e docente aposentada da Faculdade de Letras da UFMG, que fala sobre as habilidades de leitura e escrita que precisam ser desenvolvidas tanto na alfabetização quanto nas séries seguintes. Paulo Freire e Frida Kahlo, que ilustram a capa da edição, aparecem em diferentes pautas. A edição 49 do Letra A está disponível no portal do Ceale (<http://bit.ly/2C50ZpG>).



## AULA INAUGURAL DO ICB

*Doenças neurodegenerativas no século 21* será o tema abordado pela professora Débora Foguel, da UFRJ, na aula inaugural da pós-graduação do ICB, em 16 de março (o local ainda será definido). A professora é membro da Academia Brasileira de Ciências e comendadora pela Ordem do Mérito Científico. Algumas das doenças neurodegenerativas são o Mal de Alzheimer e o Mal de Parkinson.

A iniciativa é do Núcleo de Apoio à Pós-graduação (NAPG), que atende aos 15 programas de mestrado e doutorado e três de mestrado profissional do ICB. As inscrições, gratuitas, podem ser feitas até 9 de março, em <http://bit.ly/2HOTNOU>. A atividade dá direito a certificado.

## ENSINO DE ESPANHOL

Estará aberto, até 28 de fevereiro, o prazo de inscrições de resumos para a 12ª edição do Encontro de Profissionais de Espanhol de Minas Gerais, para o 7º Seminário da Apemg e para o 1º Encontro de Professores de Espanhol do Sudeste.

Os eventos, que serão realizados na Faculdade de Letras da UFMG, nos dias 18 e 19 de maio, buscam articular diferentes propostas teóricas e práticas na área do ensino de língua espanhola, discutir políticas públicas e fortalecer os grupos de pesquisa e os projetos desenvolvidos na pós-graduação.

As inscrições para ouvintes terão início em março. Mais informações podem ser obtidas pelo e-mail [encuentroapemg@gmail.com](mailto:encuentroapemg@gmail.com) ou na página do evento (<http://www.letras.ufmg.br/encuentroapemg/>).

## ESTUDOS PORTUGUESES

Até 30 de maio, a Revista do Centro de Estudos Portugueses, da Faculdade de Letras da UFMG (Fale), receberá artigos e resenhas para compor a edição do primeiro semestre de 2018, com dossiê sobre a obra de Mário Cláudio, pseudônimo do escritor português Rui Manuel Pinto Barbot Costa. Nascido no Porto, em 1941, ele é autor de mais de 30 obras de ficção – como *Amadeo*, de 1984 –, de nove livros de poesia e trabalhos no teatro, na literatura infantil e ensaio.

A publicação é uma das poucas no Brasil destinadas a fomentar a produção teórica, crítica e ensaística na área de literatura portuguesa. Criada em 1979, a revista do Centro de Estudos Portugueses é o mais antigo periódico em atividade da Fale. Os trabalhos devem ser encaminhados para a comissão editorial pelo e-mail [periodicosfaleufmg@gmail.com](mailto:periodicosfaleufmg@gmail.com). As normas de submissão estão disponíveis no site da revista ([www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/cesp](http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/cesp)).

# De MEMÓRIAS e RUÍNAS

*Pesquisa da Belas Artes alia conceitos e fotografia artística para retratar comunidades em processo de desapropriação e desaparecimento*

Itamar Rigueira Jr.

**E**stamos no Ceará: Cococi, no sertão dos Inhamuns, o Baixo das Palmeiras e o Baixo do Muquém, ambos na região do Cariri. A primeira é uma cidade abandonada, onde vivem oito pessoas. Os dois outros são distritos rurais do município de Crato, onde muitas famílias enfrentam processo de desapropriação devido à construção de um canal. Nesses locais, o pesquisador e fotógrafo Rubens Venâncio encontrou o objeto para sua tese de doutorado, defendida no ano passado, na Escola de Belas Artes.

Experiente quando se trata de realizar trabalhos acadêmicos diretamente associados a seus ensaios fotográficos – tem sido assim desde a graduação –, Venâncio vem se dedicando a questões relacionadas ao esquecimento, à memória e à ausência. Nos últimos quatro anos, ele se dividiu entre leituras, entrevistas, produção de um diário e criação fotográfica nessas regiões cearenses, que já eram conhecidas dele, para levar a cabo investigações na fotografia artística e no campo conceitual.

“A criação em fotografia me motivou a pensar em ruína, memória, esquecimento e questões como os usos do arquivo pela arte e como a imagem fotográfica pode trabalhar poeticamente uma plasticidade para a memória”, explica Rubens Venâncio, que se inspirou também em teóricos como Georges Didi-Huberman (o papel das imagens), Walter Benjamin (a noção de rastro) e Paul Ricoeur (relações entre memória, história e esquecimento).

## Polaroid e digital

Compõe a tese o ensaio *Iminências* – o título remete ao desaparecimento e à desapropriação, que parecem inevitáveis –, dividido entre as coleções “lugar-ruína” e “lugar-memória”. A primeira, segundo o pesquisador, foi feita com filme Polaroid grande formato e procurou estabelecer memórias levando em conta as complexidades vividas pelos habitantes inseridos no contexto das iminências. “Nesse cenário, propus o que chamei de dobra entre a ruína da fotografia e a ruína da vida”, diz Venâncio. Ele explica que o Polaroid usado por ele é um material vencido, que, aliado a outros fatores, serve a sua estratégia de deixar afetar-se a superfície fotográfica, com resultados imprevisíveis quanto à corrupção da imagem.

A coleção “lugar-memória”, em formato digital, reúne imagens criadas livremente de locais considerados significativos pelos moradores. “Nessa coleção, procurei perceber, pela via da criação fotográfica, a relação com o espaço, diante da imposição das desapropriações e no cenário de desaparecimento”, diz.

Rubens Venâncio chama de “memória-montagem” a metodologia que assumiu e que entrelaçou narrativas de memória e narrativas



Fotos: Rubens Venâncio



Fotografias do ensaio *Iminências*, que representam as coleções lugar-memória (acima) e lugar-ruína

de imagem. “O dispositivo funcionou da seguinte maneira: criou a imagem no momento em que os baixios e o Cococi despontam como imagem-acontecimento e fez-me deslizar para dentro da imagem com a feitura do ensaio”, conta Venâncio. A imagem detonou as possibilidades de interpretação e conhecimento ao entrelaçar ruínas, esquecimentos e iminências, e destaquei uma ‘capacidade de interpretação narrativa’, para usar o termo de Jaime Ginzburg no artigo ‘A interpretação do rastro em Walter Benjamin’.”

**Tese:** *Superfícies imaginadas: fotografia, ruína e iminência no sertão cearense*

**Autor:** Rubens Venâncio

**Orientador:** Carlos Henrique Falci

**Defesa:** junho de 2017, no Programa de Pós-graduação em Artes